



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **DE RAINHA A RELES**

**Marcos Roberto Inhauser**

Já foi o tempo em que a teologia era a Rainha das Ciências. Nos idos tempos da Idade Média, a ciência era medida como verdadeira pela sua consonância com os ensinamentos da Igreja. Quando discordava da teologia, morte aos hereges era a sentença, haja visto o que aconteceu a Galileu, entre outros.

Já foi o tempo em que a Igreja reinou soberana e entronizava e destronava reis, promovia a Inquisição e não era questionada pela sociedade. Os poucos que a isto se aventuravam eram condenados.

Lá se vão os tempos em que a teologia e a Igreja ditavam o que podia ou não ser lido, criando o Index, relação dos livros e autores proibidos.

Idos são os tempos em que, como representante de Deus na terra, por ser Ele o Criador de tudo, a Igreja era a autoridade visível a administrar tal propriedade divina. Para tanto, a Igreja expedia autorizações para que os “descobridores” pudessem entrar em novas terras e dela se assenhorear, por terem a permissão divina via Igreja.

A Igreja, ao longo dos séculos foi perdendo sua autoridade e vigência. Primeiro foi o questionamento feito por Lutero e os reformadores da autoridade espiritual da Igreja em perdoar pecados. Depois, o marco mais claro desta derrocada foi o Iluminismo, que questionou as verdades da fé, dos milagres e da própria existência de Jesus como divino. Junte-se a isto que o religioso Isaac Newton, com a lei da gravidade tirou o Deus que sustentava as estrelas e astros no céu, e reduziu-O a uma fórmula. Mais tarde, Marx tirou Deus da história e Freud o tirou de dentro do ser humano. Assim, com início no século XIX, a igreja veio perdendo seu espaço, vigência e poder na sociedade.

A Rainha das Ciências se enrolou ao entender o que acontecia no mundo. Movimentos fundamentalistas e conservadores, tanto na Igreja Católica como nas Protestantes, ao invés de pensarem a fé como resposta ao mundo em que viviam e tentar dar respostas às perguntas que o momento histórico planteava, se limitaram a repetir antigas fórmulas teológicas e teólogos, como se Agostinho, Lutero, Calvino e Tomás de Aquino fossem os últimos iluminados.

O advento da fragmentação religiosa que o mundo viu surgir, com o surgimento dos mais variados modos religiosos cristãos, notadamente os de corte pentecostal e neopentecostal, trouxe à tona uma miríade de “pregadores de abobrinha”, gente sem nenhuma formação bíblico-teológica, analfabetos bíblicos e que mal compreendem o que leem, que tem tido acesso às rádios e televisões, vociferando suas “verdades” como se Vox Dei fossem. Arrogantes, petulantes e impostores, deram a pá de cal no sepultamento da credibilidade da Igreja.

Gananciosos, transformaram a pregação em venda do sucesso, da riqueza fácil, anunciaram que “o fim justifica os meios” e a riqueza pessoal foi construída às custas das ofertas dos incautos. Ser Igreja hoje é ser vitrine para o escárnio, para a zombaria, para a desconfiança.

Não fosse o profeta Jeremias quem disse que “ai de mim se me calar, porque tua voz me queima por dentro” e “fostes mais forte que eu e prevaleceste”, eu já teria pendurado as chuteiras.